

Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond

ROBERTO HOFMEISTER PICH

Resumo: Este artigo apresenta algumas das principais linhas do projeto de pesquisa «*Scholastica colonialis*», que tem o objetivo de investigar de forma exaustiva o desenvolvimento da filosofia escolástica barroca na América Latina, durante parte significativa do período colonial, isto é, séculos 16-18. Até hoje, a principal proposta de pesquisa sobre os materiais existentes e os méritos da filosofia «colonial» e «barroca» foi aquela exemplificada pelos estudos de Walter B. Redmond. Assim, busca-se expor, resumidamente, o *status quaestionis* que a síntese de seus trabalhos permite concluir.

Palavras-chave: filosofia colonial, escolástica colonial, Walter B. Redmond.

Abstract: This article presents some of the main lines of the research project «*Scholastica colonialis*», which has the aim of investigating in an exhaustive way the development of baroque colonial scholasticism in Latin America, during a significant part of the colonial period, that is 16th.-18th. centuries. Until today, the most significant research project on the existing materials and the merits of «colonial» and «baroque» philosophy was the one exemplified by the studies of Walter B. Redmond. Therefore, our aim is to expose briefly the *status quaestionis* that the synthesis of his works allow to conclude.

Keywords: colonial philosophy, colonial scholasticism, Walter B. Redmond

Introdução

A presente nota de pesquisa se insere dentro do projeto «*Scholastica colonialis* – A recepção e o desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18»,¹ que tem por objetivo dar início² a uma investigação duradoura e exaustiva dos desdobramentos da filosofia escolástica na América Latina,³ durante parte significativa do período colonial,⁴ isto é, séculos 16-18.⁵ O pensamento

- 1 Trata-se de um projeto integrado de cooperação internacional, aprovado pela Capes/Brasil para desdobramento durante um período inicial de dois anos, entre cinco equipes de trabalho: Brasil (equipe líder, PUCRS e UNISINOS), Chile (PUC-Chile), Peru (PUC-Perú), Portugal (Gabinete de Filosofia Medieval, Universidade do Porto) e Espanha (Universidad de Salamanca).
- 2 Ou, lembrando dos projetos já realizados e/ou idealizados, dar « continuação ».
- 3 Entende-se por « América Latina », geograficamente, virtualmente todo o território que se estende da fronteira mexicana às regiões do extremo sul da América ou da Antártica. Essa descrição engloba, portanto, também os países caribenhos de fala espanhola. Ademais, entende-se aqui a « filosofia latino-americana » em um sentido acadêmico, tradicional e « ocidental », que tem início no século 16, quando a Igreja Católica deu fundação a escolas, monastérios, conventos e seminários nos novos territórios.
- 4 De si, o ainda pouco estudado período da « Segunda Escolástica » ou « Escolástica Barroca » emerge de certos movimentos renascentistas na Península Ibérica e se consolida inteiramente ao final do século 16 e início do século 17. Cfr., por exemplo, J. A. TRENTMAN, « Scholasticism in the Seventeenth Century », in N. KRETMANN; A. KENNY; J. PINBORG (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 1100-1600*, Cambridge, Cambridge University Press 1982, pp. 818-837. Embora o maior número dos autores referidos à Escolástica Barroca seja de origem espanhola, « Escolástica Barroca » não equivale a « Escolástica Hispânica ». De todo modo, a « Escolástica Barroca » constitui um período muito importante da história da filosofia espanhola, ou na Espanha, em si mesmo indispensável antes da fundação do Estado Espanhol, em 1474. Cfr. J. L. ABELLÁN, « Spain, Philosophy in », in E. CRAIG (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge 1998, Vol. 9, pp. 70ff.
- 5 De si, o ainda pouco estudado período da « Segunda Escolástica » ou « Escolástica Barroca » emerge de certos movimentos renascentistas na Península Ibérica e se consolida inteiramente ao final do século 16 e início do século

filosófico colonial desse tempo é « barroco », porque é diretamente formado pela e fortemente dependente da « escolástica barroca », que caracteriza a reflexão filosófica do período nas universidades da Península Ibérica (sobretudo, Salamanca, Alcalá de Henares, Coimbra e Évora). Os intelectuais da teologia,⁶ da filosofia e do direito, que atuam nas recém fundadas universidades coloniais (e instituições afins), do México ao Chile, do Equador à Argentina, são em sua maioria educados naquelas e no círculo das demais universidades por elas influenciadas, marcadas pela ascensão dos jesuítas às catedras universitárias. Todos eles acompanham as tendências da « escolástica barroca » ibérica em teologia e em filosofia: (i) os temas, o método sistemático de exposição e o espírito compatibilizador entre teologia e filosofia da Escolástica dos séculos 13 e 14, em especial devido à influência das obras de Tomás de Aquino, sobretudo à Segunda Parte da *Summa theologiae*;⁷ (ii) o

17. Cfr., por exemplo, J. A. TRENTMAN, « Scholasticism in the Seventeenth Century », in N. KRETZMANN; A. KENNY; J. PINBORG (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 1100-1600*, Cambridge, Cambridge University Press 1982, pp. 818-837. Embora o maior número dos autores referidos à Escolástica Barroca seja de origem espanhola, « Escolástica Barroca » não equivale a « Escolástica Hispânica ». De todo modo, a « Escolástica Barroca » constitui um período muito importante da história da filosofia espanhola, ou na Espanha, em si mesmo impensável antes da fundação do Estado Espanhol, em 1474. Cfr. J. L. ABELLÁN, « Spain, Philosophy in », in E. CRAIG (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge 1998, Vol. 9, pp. 70ff.

6 Um excelente estudo sobre o primeiro período da produção teológica no Peru pode ser conferido in J. I. SARANYANA, « Un siglo de teología en el Perú (1575-1675) », in F. A. ASIN (comp.), *La construcción de la Iglesia en los Andes (siglos XVI-XX)*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú (Fondo Editorial) 1999, pp. 173-230.

7 A partir do século 16, em particular em cátedras destinadas aos dominicanos e, depois, aos jesuítas, a obra mais comumente comentada nos cursos de teologia não é mais o *Livro das Sentenças* do mestre Pedro Lombardo, mas a *Summa theologiae*, de Tomás de Aquino. Assim, pois, no início do século 16, Tomás de Vio Caietano comentou a *Summa theologiae* e Francisco de Silvestre de Ferrara, por sua vez, comentou a *Summa contra gentiles*, do mesmo Doutor

ideal de reforma interna à Igreja Católica e a oposição aos movimentos protestantes, dando uma nova dimensão aos temas do poder papal e do poder eclesiástico, do poder secular e da missão de conversão ao catolicismo;⁸ (iii) além disso, nos âmbitos da lógica, metafísica, teoria do conhecimento, ética jurídica e crítica da religião, nota-se um diálogo e uma reação crescentes com respeito à filosofia moderna incipiente; (iv) o fato do « Novo Mundo », que traz aos intelectuais da escolástica barroca a necessidade de tematizar, na ética, na antropologia e no direito, a « conquista » espanhola, o estatuto do ser humano, os direitos dos povos recentemente descobertos e conquistados e as relações normativas para os vínculos entre os povos.⁹

Angélico. Ainda nas primeiras décadas do século 16, o primeiro grande nome da Escolástica Barroca e precursor reconhecido do « direito internacional », ou seja, o dominicano espanhol Francisco de Vitória (1486-1546), também comentou a *Summa*. Como lembrou L. A. DE BONI, « Apresentação », in L. A. DE BONI e Th. S. LEITE (orgs.), *A Segunda Escolástica – Veritas* 54:3 (2009) 5ff., deve-se mencionar o fato de que, nos colégios jesuítas estabelecidos no século 16, cedo alçados à categoria de melhores centros de estudos da época, figuras depois famosas como R. Descartes e P. Baylle estudaram e, direta ou indiretamente, receberam a influência daqueles mesmos ideais de formação.

- 8 Um estudo exemplar sobre esse contexto na obra de Francisco de Vitória é o de K. E. VAN LIERE, « Vitoria, Cajetan, and the Conciliarists », in *Journal of the History of Ideas* 58 (1997):4 597-616.
- 9 No melhor exemplo, a obra de Francisco de Vitória (1486-1546), fundador da escola espanhola de direito natural, confunde-se com a reação aos problemas originados pela conquista e colonização da América, ilustrada em especial em *De indis recenter inventis relectio prior* (1538-1539, Ed. BAC, 1960), *De indis recenter inventis relectio posterior* ou *De iure belli* (1539, Ed. BAC, 1960) e ainda, anteriormente, *De potestate civili* (1528, Ed. BAC, 1960). Assim, Francisco de Vitória, nessas obras, tanto desenvolveu uma teoria da « guerra justa » e dos direitos legais (de direito natural dos povos) dos espanhóis com respeito à conquista e à colonização das Américas como estabeleceu as bases, futuramente implementadas por teóricos do direito, para aquilo que se tornaria o « direito público internacional ». Sobre isso, cfr. também G. Tosi, « Alle origini della modernità: I diritti degli indigeni del Nuovo Mondo », *Jura gentium* III (2007); *Idem*, « The Theological Roots of Subjective Rights: *Dominium, ius* and *potestas* in the Debate on the Indian Question »,

Até hoje, a principal proposta de pesquisa, embora reconhecidamente incompleta, sobre os materiais existentes e os méritos da filosofia « colonial » e « barroca » é aquela exemplificada pelos estudos de Walter B. Redmond. No que segue, quer-se apresentar, resumidamente, o *status quaestionis* que a síntese de seus trabalhos permite concluir.

Antes disso, convém mencionar o que se quer dizer com « materiais existentes » e « proposta de pesquisa » por parte do autor mencionado. Walter B. Redmond recebeu o doutorado em filosofia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima / Peru, com a tese « *Philosophia thomistica* de Juan de Espinoza Medrano, “el Lunarejo” », no ano de 1972. Nesse mesmo ano, publicaria a obra *Bibliography of the Philosophy in the Iberian Colonies of America*. Nela, além de um catálogo e uma bibliografia, apresenta a origem e motivação do projeto. Em 1968, o Prof. Dr. Ignacio Angelelli, pertencente ao Departamento de Filosofia daquela instituição, submeteu um projeto sobre a filosofia escolástica nas colônias da América ao Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade do Texas. Como ideia geral, havia um convencimento de que a história da filosofia, entre os anos 1500-1800, apresentava, na Europa e alhures, lacunas descritivas e de continuidade. Quase desnecessário dizer que a Segunda Escolástica se achava

in M. KAUFMANN und R. SCHNEPF (Hrsg.), *Politische Metaphysik. Die Entstehung moderner Rechtskonzeptionen in der Spanischen Scholastik*, Frankfurt am Main, Peter Lang 2007, pp. 125-154; *Idem*, « Guerra e direito no debate sobre a conquista da América: século XVI », *Verba Juris* 5 (2006) 277-320; *Idem*, « Raízes teológicas dos direitos subjetivos modernos: o conceito de *dominium* no debate sobre a questão indígena no séc. XVI », *Prim@ Facie* 4/6 (2005) 42-56; *Idem*, « Gli indios schiavi per natura o uomini con tutti i diritti? La dottrina dei diritti degli indios nel pensiero dei teologi di Salamanca e di Bartolomè de Las Casas », *Sacra Doctrina Nuova Serie* 6 (2003) 5-38; *Idem*, « A doutrina subjetiva dos direitos naturais e a questão indígena na Escola de Salamanca e em Bartolomé de Las Casas », *Cuadernos Salmantinos de Filosofia* XXX (2003) 577-587; *Idem*, « La teoria della guerra giusta in F. de Vitoria e il dibattito sulla Conquista », *Jura Gentium* (Firenze) (2002); *Idem*, *La Teoria della schiavitù naturale nel dibattito sul Nuovo Mondo (1510 – 1573). Veri Domini o Servi a natura?*, Bologna, Edizioni Studio Domenicano 2002.

entre os movimentos desprezados, e indiretamente isso deveria incluir a Segunda Escolástica desenvolvida nas colônias ibéricas, por um período de tempo significativo. A partir disso, a primeira parte do projeto foi justamente a coleta de uma bibliografia geral sobre o assunto. Ela foi realizada por um aluno de Ignacio Angelelli, a saber, Walter B. Redmond, no ano acadêmico de 1968-1969. Ao escrever uma introdução e apresentação à filosofia colonial, Redmond quis oferecer uma noção básica sobre a rica literatura primária ou de fontes e acerca de pesquisas gerais e específicas já existentes sobre ela.¹⁰

Na obra de 1972, quanto à bibliografia, Redmond traz essencialmente o seguinte: na Parte I (« Catálogo de Manuscritos e Obras Impressas sobre Filosofia do Período Colonial na América Latina »), « Obras Filosóficas da América Latina Colonial » (p. 1-110); « Obras Anônimas » (p. 111-133); « Apêndice – Algumas obras filosóficas coloniais que se perderam » (p. 134-136); Parte II, « Bibliografia da Literatura Secundária acerca da filosofia do período colonial na América Latina » (p. 138-174). Quanto ao escopo, os materiais coloniais pertencem, para Redmond, a duas correntes filosóficas discerníveis: (i) à escolástica « pura », sendo essa uma extensão do renascimento da escolástica na Península Ibérica do século 16, e (ii) à escolástica « moderna », influenciada por novas ideias advindas da Europa, em geral buscando conciliar os temas e métodos da filosofia moderna com a filosofia escolástica. Se a filosofia “moderna” já se nota presente no século 17, ela se torna decididamente marcante na segunda metade do século 18, de maneira que filosofias não-escolásticas suplementam todo pensamento escolástico no início do século 19, depois de 1810.¹¹

Redmond incluiu em seu livro manuscritos e obras impressas escritas no continente americano por americanos ou estrangeiros ali radicados (mesmo se publicadas na Europa), obras compostas na Europa por intelectuais que tiveram papel importante na

10 Cfr. W. B. REDMOND, *Bibliography of the Philosophy in the Iberian Colonies of America*, The Hague, Nijhoff 1972, pp. vii-viii.

11 Id. *ibid.*, p. viii.

educação filosófica na América e “todos os manuscritos filosóficos, americanos ou europeus, encontrados nas bibliotecas americanas”. Embora o registro bibliográfico seja amplo, Redmond deixou de fora tratados *puramente* voltados às ciências, como as matemáticas, aqueles caracterizados como « naturalistas » ou « cientistas » e ainda tratados dedicados à « linguística ». Escritos puramente jurídicos ou estritamente políticos, como aqueles respectivos ao período das independências dos países latino-americanos, também ficaram de fora do catálogo. O mesmo se deve dizer – lamentavelmente – de trabalhos essencialmente teológicos, da literatura « sobre a organização das comunidades indígenas », as primeiras controvérsias legais e antropológicas do período colonial – como, assim se poderia afirmar, aquela entre Las Casas e Sepúlveda –, bem como obras de « humanistas », « polígrafos » e « viajantes ». Essa ótica, a de somente incluir materiais estritamente ou muito proximamente filosóficos na lista bibliográfica, também foi seguida quanto à literatura secundária.¹²

Redmond não viu nem tocou diretamente em todas as milhares de obras catalogadas, em especial manuscritos e obras impressas antigas. Valeu-se de catálogos e inventariações, bem como de obras puramente bibliográficas já existentes,¹³ obtendo um quadro impressionante de informações sobre a bibliografia escolástica colonial de países como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia,¹⁴ Cuba, Equador, Guatemala, México, Panamá, Paraguai, Peru e Venezuela. Curiosamente, a bibliografia respectiva à Bolívia – onde em 1624 foi fundada a Universidad Mayor de San Francisco Xavier de Chuquisaca, em Sucre – é escassa, sendo basicamente exposta na Seção da Parte I respectiva às obras anônimas. Sobre

12 Cfr. W. B. REDMOND, *Bibliography of the Philosophy in the Iberian Colonies of America*, p. ix.

13 Id. *ibid.*, « Abreviações », pp. xiii-xiv.

14 Onde em 1580 foi fundada a Universidad Santo Tomás, em Bogotá. Sobre a história da filosofia na Colômbia, cfr. R. P. GARZÓN, *La filosofía en Colombia. Bibliografía de los siglos XVI, XVII, XVII, XVIII. 1ª. Parte*, Bogotá, Universidad de Santo Tomás (Biblioteca Colombiana de Filosofía) 1987.

países caribenhos além de Cuba, lembrando que foi a Universidad Santo Tomás de Aquino, em Santo Domingo (hoje República Dominicana), a primeira universidade a funcionar nas colônias espanholas, em 1538,¹⁵ não há menções de itens bibliográficos, como também não há sobre o Uruguai. Finalmente, e de forma um tanto surpreendente, mesmo reconhecendo o seu modesto desenvolvimento acadêmico-universitário no período, também sobre o período colonial brasileiro são poucas e incompletas as notas do inventário « escolástico » de Redmond.

Na sua obra de 1998, *La lógica en el Virreinato del Perú. A través de las obras de Juan Espinoza Medrano (1688) e Isidoro de Celis (1787)*, Redmond fez remissão à bibliografia de pesquisa que produziu sobre « el Lunarejo », « Antonio Rubio », « História e bibliografia » coloniais, bem como sobre « lógica formal ». No prólogo – « Veinte años mas tarde » –, afirma que houve enorme avanço nas pesquisas, sobretudo no que chamara, na obra de 1972, de escolástica « pura » do « Siglo de Oro », que corresponde em especial aos séculos 16-17 da historiografia da filosofia colonial. Fala de mudanças de atitude com respeito a essa filosofia e da existência de um grande número de investigadores sobre o período. Importante lhe parece um programa firmado em Caracas, para resgatar fontes manuscritas e impressas do pensamento colonial, promover investigações das suas manifestações e publicar edições críticas das fontes, incluindo estudos secundários, em uma coleção chamada « Biblioteca Iberoamericana del Pensamiento Colonial ».¹⁶ Ali, Redmond sugere um « Projeto Gutenberg », para transcrever fon-

15 Em verdade, ela só funcionou com cédula real em 1558.

16 Sobre a concepção dessa coleção, não pude obter informações adicionais. Tampouco obtive, na rede internacional de computadores, informações sobre quaisquer volumes relativos à coleção. Em comunicação pessoal comigo, Redmond afirmou que o projeto não vingou. Em outro registro, a coleção que efetivamente se destaca por sua concepção e realização é a « Colección Filosofía Colonial / Fuentes », patrocinada pela Fundación para el Estudio del Pensamiento Argentino e Iberoamericano, de Buenos Aires, cujos volumes publicados enfatizam os pensadores argentinos, em especial aqueles ligados às Ordens religiosas, da segunda metade do século 18.

tes em forma virtual, e uma programação regular de Seminários de Filosofia Colonial, guiando futuros investigadores nos aspectos técnicos do período. Ele recomenda para tanto uma rigorosa preparação na filosofia de hoje e uma aproximação com a « filosofia natural » da escolástica pura anterior à modernidade, desde a perspectiva de uma filosofia « da ciência ». Redmond caracteriza a sua própria obra como centrada no « Lunarejo » e no estudo da lógica maior no pensamento de Rubio.¹⁷ Nesse intuito, ele escreveu uma « história intelectual » da época. A maior parte da obra foi voltada à investigação da « lógica formal » a partir das « súmulas ». Criou um sistema lógico para formalizar a « linguagem objetiva » ou os « exemplos » de análise lógica constantes nos textos, simplificando a exegese de manuais geralmente complexos.¹⁸ No final dessa obra, Redmond oferece uma nova e extensa bibliografia.¹⁹

1. *Dialectici mexicani*

Redmond reconheceu que a literatura e a produção intelectual nascidas do intercâmbio entre os europeus e os povos do continente americano têm considerável diversidade. No sentido mais acadêmico, porém, o resultado do intercâmbio entre Europa e Novo Mundo foi um notável corpo de escritos sobre lógica, metafísica, teoria do conhecimento e filosofia natural²⁰ – e também, é claro, ética, jurisprudência, política e antropologia, direta ou indireta-

17 Em verdade, centrou as suas pesquisas na lógica menor de Alonso de la Vera Cruz e na lógica maior de Antonio Rubio.

18 Cfr. W. B. REDMOND, *La lógica en el Virreinato del Perú. A través de las obras de Juan Espinoza Medrano (1688) e Isidoro de Celis (1787)*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú – Instituto Riva-Agüero-Fondo de Cultura Económica 1998, pp. 11-12.

19 Id. *ibid.*, pp. 375-417: (A) « Obras escritas por Espinoza Medrano », (B) « Escritos consultados sobre Espinoza Medrano », (C) « Catálogo de autores mencionados na lógica de Espinoza Medrano »; (D) « Obras filosóficas de Isidoro de Celis »; (E) « Escritos consultados sobre Isidoro de Celis »; (F) « Algunas obras sobre a “Segunda Escolástica” »; (G) « Bibliografía seletiva da filosofia colonial latinoamericana ».

20 Cfr., novamente, W. B. REDMOND, *Bibliography of the Philosophy in the Iberian Colonies of America*, 1972.

mente obtido em torno de controvérsias sobre as relações entre conquistadores e indígenas, seja se reverberadas desde os centros das metrópoles ou exigidas em contexto.²¹ Segundo Redmond, o cerne da *filosofia* colonial foi realizado por membros das ordens religiosas, em que, dito de forma elementar, franciscanos se associaram em especial a João Duns Scotus, agostinianos, dominicanos e jesuítas se associaram em especial a Tomás de Aquino. No domínio filosófico, foram produzidos sobretudo « manuais » (*cursus philosophici*) e tratados, publicados pelos professores, e anotações de aula, que sobrevivem em manuscrito. Em registro se encontram também programas acadêmicos, que listam teses defendidas por candidatos a graus, de forma pública – material importante, por exprimir o teor das discussões mais atuais a cada época. Quase todos os professores-autores, como de resto também no modelo ibérico, faziam uso de obras aristotélicas como base, contribuindo a partir daí para os debates correntes. Anunciando o domínio mais explorado pelos trabalhos de Redmond, a lógica terminista e a lógica aristotélica eram estudadas continuamente: a lógica formal, ou « menor », também chamada de « *summulae* » por terem como pano de fundo as *Summulae logicales* de Pedro Hispano; a lógica « maior », tendo no seu roteiro a *Isagoge* de Porfírio, bem como as *Categorias* e os *Segundos Analíticos* de Aristóteles e ainda, em alguns casos, a *Tópica* e as *Refutações sofisticas* do Estagirita.²²

21 Um belo estudo sobre argumentos propostos e debatidos em torno da « legitimidade » ou « ilegitimidade » da conquista da América, tanto da perspectiva de intelectuais europeus (como John Mair, Francisco de Vitória e Domingo de Soto) como da perspectiva de intelectuais que, nascidos nos países metrópole, podem ser considerados « coloniais » (como Bartolomeu de Las Casas, Vasco de Quiroga e Alonso de la Vera Cruz), é o de M. BEUCHOT, *La querella de la conquista. Una polémica del siglo XVI*, Ciudad de Mexico, Siglo XXI Editores 1992.

22 Cfr. W. B. REDMOND, « Latin America, Colonial Thought in », in E. CRAIG (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge 1998, Vol. 5, pp. 421s. Quanto a um outro registro do estudo das obras aristotélicas e dos mestres medievais em geral, cfr. L. F. RESTREPO, « Colonial Thought », in S. NUC CETELLI; O. SCHUTTE; O. BUENO (eds.), *A Compa-*

O rumo da filosofia em instituições coloniais, assim possibilitado, foi com destaque investigado por Redmond no caso mexicano.²³ Aqui, muito cedo os espanhóis se convenceram da necessidade de criar um sistema universitário em seguimento ao adotado nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares. Tendo recebido a cédula real em 21 de setembro de 1551, a Real Pontifícia Universidad de México, a primeira universidade mexicana, existe ainda hoje com o nome de Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). A filosofia escolástica dominante foi ensinada de início pelos docentes dos colégios das Ordens. Já um pouco antes, em 1540, no colégio da Ordem dos Agostinianos, que haviam chegado em 1533 na Nova Espanha, o frade Alonso de la Vera Cruz (1504/Espanha-1584/México) tornou-se eventualmente o primeiro a ensinar filosofia no Novo Mundo.²⁴ Em 1554, surge a primeira obra de filosofia no Ocidente americano, um livro de ló-

nion to Latin American Philosophy, Chichester, Wiley-Blackwell 2010, p. 37: « Textos tais como a *Política* e a *Poética* de Aristóteles eram ensinados regularmente nos *colegios* e universidades pela América Latina. Na Universidade do México, por exemplo, eram oferecidos regularmente cursos sobre Santo Tomás de Aquino, João Duns Scotus e Francisco Suárez ». Quase desnecessário dizer que também as obras teológicas preparadas nos centros coloniais continham material filosófico de peso – e, por sua vez, ele de novo repercutia as discussões nos centros das metrópoles, também porque muitos autores realizavam lá os estudos teológicos, após a obtenção da « licença » nas instituições coloniais. Destacadamente, a obra teológica do franciscano (e scotista) chileno Alfonso Briceño (1567/1590-1668) incluía contínuas abordagens sobre metafísica. Sobre isso, cfr. também V. S. C. AGÜERO, *Lógica in via scoti* de Jerónimo de Valera (1568-1625), *Logos*, 12pp.

- 23 Em verdade, isso também se verifica nos trabalhos sobre a filosofia colonial e latino-americana de Mauricio BEUCHOT; cfr., por exemplo, *Historia de la filosofía en el México colonial*, Barcelona, Herder 1996, que abarca virtualmente todo o período da « filosofia novo-hispânica », a saber, de 1521-1821, discriminando de modo informativo as diferentes ordens religiosas e os seus principais mestres na colônia.
- 24 Id, *ibid.*, pp. 124ss. Alonso de la Vera Cruz, a propósito, estudou gramática e retórica na Universidade de Alcalá de Henares e obteve a formação teológica na Universidade de Salamanca, tendo Francisco de Vitória e Domingo de Soto como mestres.

gica, em dois volumes: *Recognitio summularum* (1554) e *Dialectica resolutio* (1554). Pouco depois, foi autor de uma obra sobre filosofia da natureza, a *Physica speculatio* (1557), perfazendo, assim, um curso completo de filosofia ou « artes », como adotado no modelo da nova universidade, em seguimento à Universidade de Salamanca.

Na pesquisa de Redmond, os heróis filosóficos na área da lógica, durante o período colonial do México, foram Alonso de la Vera Cruz e Antonio de la Rueda Rubio (1548-1615). Em comum com os lógicos do seu tempo, revelando a adoção própria de uma lógica terminista, Vera Cruz ofereceu um método para analisar sentenças.²⁵ Se, em princípio, em uma sentença como « Scadufax é um cavalo » o atributo significa o « aspecto de ser » um cavalo, significado pelo termo « cavalo », dito do denotado pelo nome « Scadufax », Vera Cruz sugeria reduzir sentenças contendo termos gerais a sentenças com termos para coisas, em que « Scadufax é um cavalo » equivaleria à « Scadufax é este cavalo ou Scadufax é aquele cavalo ». A disjunção seria verdadeira se ao menos uma das sentenças o fosse, tal que « Scadufax é um cavalo » é verdadeira se ao menos um cavalo no mundo é « Scadufax ». Procedimentos semelhantes poderiam ser adotados com respeito a sentenças de negação, com o quantificador universal, etc. Assim, parece valer como veredicto geral que, em diálogo próximo com as concepções do final do século 13 e início do século 14, Vera Cruz e outros de seus colegas formularam, em 1554, regras de expansão para sentenças gerais (regras de « descenso ») e regras para a formação

25 Como um todo, Alonso de la Vera Cruz adotou uma abordagem « extensional » da lógica, em que a « relação de identidade » ocupa um lugar central; cfr., por exemplo, W. B. REDMOND, « La inferencia cuantificada en la lógica mexicana del siglo XVI », *Diánoia – Anuário de Filosofia* 45/45 (1999) 1-33; *Idem*, « Quantified Inference in 16th-Century Mexican Logic », *Vivarium* 39 (2001):1 87-118. Cfr. ainda *Idem*, « Extensional Interpretation of General Sentences in 16th. Century Ibero-American Logic », *Crítica* (IIF-UNAM) 13/39 (1981) 45-73; *Idem*, « Extensionalidad en la lógica asertórica y modal de la Nueva España », *Revista de Filosofía* (Universidad Iberoamericana, México) 17/51 (1984) [también *Analogía* 1/1 (1987)].

de sentenças gerais (regras de « ascenso »). Assim, puderam definir as formas de « quantificação » (padronizada ou não), utilizando-as para estudar sentenças de tipos distintos, incluindo « relações » e « modalidades ».²⁶ No entendimento de Redmond, a definição oferecida por Vera Cruz para conjunções e disjunções é « verofuncional » (condicionais, sobretudo quanto aos tipos de implicação em jogo, seriam um tópico por si), em que a verdade de uma proposição composta depende da verdade ou falsidade das partes. Esse parecer aproxima a lógica da « Era de Ouro » à lógica terminista dos séculos 13-14 e, nesse passo, à lógica contemporânea.²⁷

Redmond dedicou-se em particular ao estudo da obra do jesuíta Antonio Rubio, que, após 16 anos como professor no México,²⁸ escreveu o que esperava tornarem-se três manuais paradigmáticos de filosofia, destinados às universidades. A sua obra tripartite sobre lógica, *Commentarii in universam Aristotelis dialecticam*, apareceu em 1603 e, em 1641, contava com 18 edições, 7 nomeadas « *Logica mexicana* », tornando-se o livro texto sobre lógica na Universidade

26 Cfr., por exemplo, W. B. REDMOND, « Modal Logic in 16th. Century Mexico », in: *Crítica* (IIF-UNAM) 15/43 (1983) 31-49; *Idem*, « La inferencia cuantificada en la lógica mexicana del siglo XVI », op. cit., 1-33; *Idem*, « Quantified Inference in 16th. Century Mexican Logic », op. cit., 87-118.

27 Cfr., por exemplo, W. B. REDMOND, « Formal Logic in New Spain: The Work of Fray Alonso », *International Philosophical Quarterly* 19:3 (1979) 331-351; *Idem*, « Logic in New Spain », *The Review of Metaphysics* 33 (1979):1 220-221; *Idem*, « La suposición y el ascenso/descenso en Alonso de la Veracruz », *Revista de filosofía*, 15/42 (1982) 349-393. Cfr. também M. BEUCHOT, *Antología de fray Alonso de la Vera Cruz*, Morelia, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo 1988. Redmond, cfr. *Idem*, *La lógica del Siglo de Oro. Una introducción histórica a la lógica*, Pamplona, EUNSA 2002, escreveu um manual de lógica ou da « lógica del Siglo de Oro », tendo como tema central a « lógica extensional da identidade », em que orações ou enunciados tais que uma propriedade é predicada de uma coisa ou sujeito, como « João é um homem », são equivalentes a « conjuntos de orações de identidade », como « João é este homem », aludindo-se a coisas e só de modo indireto a propriedades; cfr. *id. ibid.*, pp. 13f. Redmond, cfr. *ibid.*, pp. 16f., afirma que os detalhes da lógica que expõe se acham nas obras de Vera Cruz.

28 Onde chegou em 1576, aos 28 anos.

de Alcalá.²⁹ Ademais, 4 das suas obras sobre filosofia natural tiveram mais de 35 edições. Talvez eclipsada pelas *Disputationes metaphysicae* (1597) de Suárez, a obra de Rubio sobre a metafísica jamais foi publicada e é considerada perdida. As suas obras tiveram mais de 50 edições e foram publicadas em ao menos 6 países europeus. Ainda que muitas das discussões que constam em Vera Cruz sejam repetidas por Rubio, Redmond chamou a atenção para uma teoria, quicá original, acerca da relação entre lógica e ciência, presente nos *Commentarii* de 1603.³⁰

Sendo uma « ciência » um « sistema axiomático », « geral » e sobre o « geral », « necessária » e sobre o « necessário », dizendo o « nomológico » em um domínio de fenômenos e identificando as propriedades do seu objeto, cientistas podem fazer uso da lógica de dois modos complementares. (a) No lado « prático » (*compositivus*), eles podem construir sentenças, ligando-as para formar inferências dedutivas em um sistema; (b) no lado « teórico » (*resolutivus*), eles refazem os caminhos das inferências de volta aos axiomas e notam as suas partes, a saber, os termos. Vê-se a partir daí que a *lógica* é um « sistema de axiomas » que abrange termos, sentenças, inferências, etc., em uma estrutura necessária. E a *lógica* é *única* como ciência, dado que o seu objeto é o mesmo que o de todas as ciências – a *lógica* mesma não tem objeto.³¹ Para Redmond, Antonio Rubio foi ainda além. A sua obra comporta uma discussão sobre « entidades lógicas ». Entidades lógicas são « relações » e « relações conversas »: construção e análise. Na « construção »,

29 Cfr. W. B. REDMOND, « La *Logica mexicana* de Antonio Rubio – Una nota histórica », *Diánoia – Anuário de Filosofia* (IIF-UNAM) 27/28 (1983) 309-330. Antonio Rubio estudara nessa universidade. Após ser examinada por uma junta de sete rigorosos avaliadores, o seu manual de lógica tornou-se, por decreto, texto de uso obrigatório para todos os professores da área, naquela instituição.

30 Baseio-me diretamente in W. B. REDMOND, « Latin America, Colonial Thought in », in E. CRAIG (ed.), op. cit., pp. 422-423.

31 Cfr. W. B. REDMOND, « Lógica y ciencia en la *Logica mexicana* de Rubio », *Quipu: Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología* 1/1 (1984) 55-82.

vai-se dos termos até às inferências e a um sistema. Na « análise », tem-se a relação conversa de « ser feito de »: um sistema é feito de inferências, inferências de afirmações, etc. « Relações » e « relações conversas » podem ser expostas no sujeito e predicado de sentenças – o segundo é relação de « ser afirmado de », o primeiro é relação conversa de « ser aquilo de que algo é afirmado ». A lógica estuda essas relações e as identifica. Se um cientista afirma « animais têm sensações », e o lógico afirma que « ter sensações » é um predicado, o lógico mostra que o cientista atribui a propriedade lógica de ser um predicado à « coisa » que pode ter sensações. Na base disso, ciência e lógica têm tipos diferentes de propriedades – no nível mesmo em que « [poder] ter sensações » é propriedade real (ciência) e « ser afirmável de » é propriedade lógica aplicável só a « coisas » na mente (a termos mentais). Conclui-se que propriedades lógicas são « intenções segundas », pois elas se aplicam a coisas *qua* conhecidas e são *entia rationis*: as propriedades lógicas, de ordem superior, não se aplicam realmente a coisas; a lógica as estuda, atribuindo-as a propriedades que outras ciências investigam. Porém, só essas propriedades se aplicam a coisas reais do mundo.³²

2. « El Lunarejo »

Embora parcial diante da quantidade de materiais catalogados e inventariados, a pesquisa sobre a filosofia colonial no âmbito da Nova Espanha (México) recebeu uma abordagem geral significativa, através da obra de W. B. Redmond e M. Beuchot.³³ O estado da arte na pesquisa sobre o período e seus documentos e assuntos

32 Cfr. W. B. REDMOND, « Latin America, Colonial Thought in », in E. CRAIG (ed.), op. cit., pp. 422-423; *Idem*, « Relations and 16th. Century Mexican Logic », *Crítica* (Instituto de Investigaciones Filosóficas de la UNAM) 22/65 (1990).

33 Cfr., por exemplo, M. BEUCHOT, *Filósofos dominicos novohispanos. (Entre sus colegios y la universidad)*, Ciudad de México, UNAM 1987; *Idem*, *Estudios de historia y de filosofía en el México colonial*, Ciudad de México, UNAM 1991; *Idem*, *Historia de la filosofía en el México colonial*, Barcelona, Herder 1996 (inglês: *The History of Philosophy in Colonial Mexico*, Washington, The Catholic University of America Press 1998).

tem um desempenho inferior no que tange às instituições coloniais do hemisfério sul.³⁴ De todo modo, os trabalhos existentes revelam a tendência contínua de refletir e desenvolver assuntos da Escolástica Barroca. A propósito, a lógica do franciscano Jerónimo de Valera (1568-1625), publicada no Peru em 1610 (*Commentarii ac quaestiones in universam Aristotelis ac Subtilissimi Doctoris J. Duns Scoti logicam*) – onde foi fundada em 12 de maio de 1551 (por decreto do imperador Carlos V) a primeira universidade colonial do hemisfério sul –, foi o primeiro livro de filosofia impresso na América do Sul. A título de exemplo, os jesuítas peruanos Alonso Peñafiel (1593-1657), Nicolás de Olea (1635-1705) e José de Aguilar (1652-1708) publicaram cursos inteiros sobre lógica, filosofia natural e metafísica, em claro diálogo com autores das universidades da metrópole³⁵. Essas obras, no entanto, não foram editadas nem investigadas criticamente.

Foi na exposição das teses lógico-metafísicas do notável pensador peruano Juan de Espinoza Medrano (ca. 1632-1688), «El Lunarejo», professor de filosofia e teologia em Cuzco (Peru), que Redmond concentrou boa parte de seu trabalho acadêmico. Nascido no povoado de Calcauso (na província de Aymaraes), Espinoza Medrano estudou no Seminário de San Antonio Abad del Cuzco e, logo depois, na Universidad de San Inacio, da mesma cidade, onde obteve graduação. Ativo tanto em controvérsias

34 Exceções, ao final modestas em escopo, são M. BEUCHOT, *La filosofía en la América Colonial* (con G. M. ARGOTE), Bogotá, Ed. El Búho 1996, e W. B. REDMOND, *La lógica en el Virreinato del Perú*, 1998.

35 Sobre esses autores, cfr. também F. B. LAOS, *Vida intelectual del Virreinato del Perú*, Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, ³1964, pp. 114--115, 162-171, 171-181.

literárias³⁶ quanto em filosóficas, eloquente em latim,³⁷ espanhol e também quéchua (a língua dos incas), compôs peças teatrais, nessas línguas,³⁸ também sobre temas bíblicos (autos sacramentais que se assemelham ao teatro barroco de José de Anchieta), tendo também reconhecidas qualidades como pregador.³⁹ A obra *lógica* de Espinoza Medrano se destaca por uma lógica « maior » (dialética) e uma « menor » (respectiva às sùmulas), escritas para defender posições tomistas e em recusa a teses inovadoras na Espanha do século 17. Ao final, a sua lógica apresenta uma defesa muito própria das « ideias platônicas » com respeito ao problema dos universais. A controvérsia respondia a um grupo relativamente conhecido de escolásticos ibéricos que mostravam tendências nominalistas. « El Lunarejo » acreditava que os seus argumentos finalmente punham fim ao nominalismo, que se acharia, ele mesmo, em um quarto ciclo de reavivamento.⁴⁰

O « problema dos universais » tenta explicar a natureza das características não-individuais das coisas⁴¹. Lógicos dizem que Paulo e um polvo⁴², de si existentes concretos, têm a mesma característica

36 Em verdade, a sua obra literária de maior importância foi “Apologético en favor de Luis Góngora”, talvez o principal dos poetas líricos da Espanha da época, uma obra que, publicada em 1662, assegurou a Espinoza Medrano um lugar na posteridade. Trata-se de uma apaixonada defesa do poeta cordobês, contra os ataques do português Manuel de Faria y Sousa, sendo ao mesmo tempo um exercício avançado de estilo, aplicação e interpretação de versos do poeta Luis Góngora.

37 Foi em latim que escreveu o « Curso de filosofia tomística »: *Philosophia Thomistica seu Cursus Philosophicus*. Roma: 1688.

38 Trinta de seus sermões foram publicados em 1695, sob o título « La novena maravilla ».

39 Cfr. W. B. REDMOND, *La lógica en el Virreinato del Perú*, pp. 19-23. Em verdade, a sua figura e liderança estavam, até o século 19, bem enraizadas no imaginário popular.

40 Id. *ibid.*, p. 46, pp. 107-108 (pp. 91-332).

41 *Ibid.*, pp. 100-105.

42 Os exemplos são paráfrases minhas. Baseio-me diretamente in W. B. REDMOND, « Latin America, Colonial Thought in », in E. CRAIG (ed.), *op. cit.*, pp. 423-424 ; *Idem*, *La lógica en el Virreinato del Perú*, pp. 109ff.

não-individual de serem « animais ». Mas, o que é o « ser-um-animal », comum a ambos? Para Espinoza Medrano, tomistas e scotistas valem como « peripatéticos » e, à medida que adotam modos diferentes de realismo, em que « universais » ou « essências » são aspectos *da realidade extramental*, são críticos a atitudes nominalistas e psicologistas sobre os universais – em que esses seriam simplesmente « palavras », « conceitos » ou « pensamentos » de um ente racional. Como é sabido, também é o caso que « peripatéticos » costumam rejeitar o platonismo, entendendo por isso uma doutrina em que universais ou « ideias » existem separadamente das coisas particulares. Espinoza Medrano realiza o esforço de assimilar a « ideia » de Platão para dentro da « essência » dos peripatéticos escolásticos. Ao investigar o que tais realistas entendiam sobre « essência », Espinoza Medrano colheu os elementos encontrados no tomismo e no scotismo e atingiu uma definição realista válida em comum a essas escolas. Os seus adeptos alegavam que universais têm ser essencial real, como tais não mudam, são atemporais e não-espaciais e diferem tanto das coisas concretas como de Deus. Ao estudar, então, a posição de Platão sobre os universais, por primeiro questionou a interpretação neoplatônica e a aristotélica sobre ela: que ideias são um aspecto do ser de Deus ou que existem por si, em separado das coisas⁴³. Espinoza Medrano entendeu que, para cumprir a sua meta, a de precisar o objeto do conhecimento, Platão só podia descrever « ideias » no modo como peripatéticos descreviam « essências ». Assim, ele afirmou sobre as ideias algo *incluído* no que os peripatéticos afirmaram sobre as essências. Espinoza Medrano não inferiu a partir de Platão que as « ideias » existem ou não separadamente; manifesto é que os peripatéticos « platonizaram », erroneamente, a seu juízo, o próprio Platão. Suspeita-se que a opinião original de Espinoza Medrano tenha proximidade com a de autores como [Dominico de] Flanders e [Francisco] Araújo,⁴⁴ mas a filiação de tal concepção lógico-metafísica das essências e os seus detalhes teóricos não fo-

43 Id. *ibid.*, pp. 120-122.

44 *Ibid.*, pp. 122-123.

ram pesquisados de forma definitiva.⁴⁵ Para Walter B. Redmond, as essências descritas por « El Lunarejo », que se mostrava consciente do seu estatuto ontológico ambíguo e pouco determinado, não são significativamente diferentes das « entidades abstratas » da metafísica do século 20.⁴⁶

Considerações finais

De um ponto de vista historiográfico, a obra de Redmond constituiu uma grande contribuição para a correção da opinião tradicional segundo a qual, nos séculos 16-17, houve pouca atividade filosófica nas colônias, e a pouca atividade existente foi repetitiva e conservadora.⁴⁷ Redmond mostrou de forma concreta que esse parecer é em geral construído em grave falta de documentação e menção de estudo de fontes. Semelhantemente, é em geral pronunciado sem conhecimento dos temas e debates teóricos do pensamento da Segunda Escolástica em si, que é a base ideológica dos intelectuais coloniais em filosofia.⁴⁸ De um ponto de

45 Cfr. também W. B. REDMOND, « Juan de Espinosa Medrano: Sobre la naturaleza de los universales », *Humanidades* (Universidad Católica del Perú) 3 (1969) 131-185; *Idem*, « La naturaleza de la lógica según Espinosa Medrano », *Humanidades* (Universidad Católica del Perú) 4 (1970) 241-294; *Idem*, « Latin American Colonial Philosophy: The Logic of Espinosa Medrano », *The Americas – Academy of American Franciscan History* 30:4 (1974) 475-503.

46 Cfr. W. B. REDMOND, « Latin America, Colonial Thought in », in E. CRAIG (ed.), op. cit., pp. 424f.; cfr. de novo *Idem*, *La lógica en el Virreinato del Perú*, pp. 329ff., e também *Idem*, « El Lunarejo on Abstract Entities », *Concordia: Internationale Zeitschrift für Philosophie* 20 (1991) 91-98.

47 Em uma visão extrema, a própria consideração de que os jesuítas foram expulsos do mundo de fala espanhola (apenas) em 1767 levou autores ao veredicto de que esse fato gerou um atraso lamentável na introdução da filosofia europeia protomoderna na América Latina. Cfr., por exemplo, A. A. OLIVER, « Latin America, Philosophy in », in E. CRAIG (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge 1998, Vol. 5, p. 426; H. CERUTTI-GULDBERG, *Hacia una metodología de la historia de las ideas (filosóficas) en América Latina*, Guadalajara, Universidad de Guadalajara 1986.

48 Em um texto referencial de L. F. RESTREPO, « Colonial Thought », in S. NUCCELLI; O. SCHUTTE; O. BUENO (eds.), op. cit., treze páginas (pp. 36-

vista cronológico, a fronteira da história do pensamento colonial é atingida junto a autores que mostram simpatia com a filosofia moderna enquanto contrastante com aquela associada à Escolástica Barroca.⁴⁹ Nesse caso, um ecletismo de transição é representado pelo franciscano José Elias del Carmen Pereira (1760-1825), atuante em Córdoba (Argentina),⁵⁰ onde os jesuítas fundaram uma universidade em 1621, ensinando a filosofia clássica e com as características da Segunda Escolástica – a propósito, fazendo uso da lógica de Rubio.⁵¹

A historiografia da filosofia colonial latino-americana teve modesto avanço desde então, apesar de algumas iniciativas (isoladas) de pesquisa. Outras áreas de interesse filosófico que não a lógica ganharam pouca ou nenhuma atenção no que concerne a um relato histórico amplo e sistemático. É dado o momento de fomentar pesquisas sob um projeto integrado de revisão de catalogação e inventariação, solicitando edições de materiais, integração de acervos, análises, discussões contínuas e exposições sistemáticas das

48) são dedicadas ao contexto sobre o qual aqui se discorre. Mais precisamente, em pp. 42-45 o autor discorre sobre perspectivas indígenas no período pós-conquista, e em pp. 45-48 identifica perspectivas *creolas*, que tangem mais propriamente a literatura, a história e a consciência cultural, bem como alguns debates teológicos (vd. Sor Juan Inés de la Cruz, 1651-1695, e Carlos de Sigüenza y Góngora, 1645-1700). Por certo, essas últimas perspectivas têm importância em si.

49 Id. *ibid.*, pp. 48ff.

50 Deve ser lembrado que os jesuítas, em 1767, foram expulsos por inteiro do mundo hispânico – tendo-se dado então a assim chamada « era franciscana » na Universidade de Córdoba, que se estende da expulsão dos jesuítas até 1808. Nesse contexto, ideias modernas como as de René Descartes eram criticamente discutidas. Do pensamento de José Elias del Carmen Pereira foram preservados os manuscritos do curso sobre filosofia natural (*Physica generalis*), que data do ano de 1784. É perceptível que, apesar do vocabulário escolástico, o mundo de José Elias del Carmen Pereira não mais pertence à Escolástica; cfr. W. B. REDMOND, « Latin America, Colonial Thought in », in E. CRAIG (ed.), *op.cit.*, pp. 424-425.

51 Cfr., por exemplo, J. C. T. ESTRADA, « Argentina, Philosophy in », in E. CRAIG (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge 1998, Vol. 1, p. 375.

características, das continuidades e das rupturas do pensamento colonial em filosofia.

Roberto Hofmeister Pich é Doutor em Filosofia e Professor Adjunto no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre / Brasil.
roberto.pich@pucrs.br; roberto.pich@pq.cnpq.br